

FILHA, MÃE, AVÓ E O CORPO

Ágnes Christiane de Souza¹

Resumo: O presente artigo se trata de um estudo detalhado da forma com que se lida com o corpo – seja este corpo seu ou de outrem - em três gerações de mulheres de uma mesma família. Para tal investigação, como objeto de análise, foi utilizado o romance da autora mexicana Guadalupe Nettel intitulado “O corpo em que nasci”. O estudo possibilita refletir a importância de estudos dentro da literatura sobre o corpo da mulher, seja ela cis ou trans, seja ela branca, negra ou índia, independente da sua orientação sexual, o corpo da mulher é, antes de tudo, político dentro das mais diversas sociedades.

Palavras-chave: Corpo; Mulher; Gerações.

1. Introdução

Diante de tantas discussões referentes à mulher e aspectos derivados ou referentes à, deparamo-nos com uma discussão constante e latente que, ao que parece, ainda está longe de ser tomada como algo que diz respeito apenas a quem se é mulher ou se identifica como tal: o corpo. O corpo da mulher, diferente do corpo do homem, é visto, ainda, como algo que não lhe pertence, que deve ser discutido por terceiros e que sofre constantes invasões, seja físicas, psicológicas ou discursivas.

O corpo da mulher ainda é tido como um tabu, bem ignorante, diria eu, por conta de resquícios – não tão resquícios assim – da visão de cunho sexualizador do patriarcado, pois mostrar-se e ter consciência do próprio corpo é vulgarizar-se. É interessante perceber também que essas ramificações preconceituosas oriundas de visões machistas se enredam nas mais diversas gerações criando, por assim dizer, graus de como a mulher lidar com o próprio corpo como um objeto pessoal e político.

Para a construção dessa discussão, daremos atenção a este último apontamento, de como as gerações, especificamente de mulheres de uma mesma família, lidam com o seu corpo e com o corpo de outras mulheres. Como os discursos foram engendrados em uma mesma família de modo que a relação entre essas mulheres seja conflituosa de acordo com o que absorve de sua geração, e o que absorvem de dentro de suas relações consanguíneas. Se essas mulheres estão inseridas em uma comunidade ou ideologia que as oprime, ou se essas mulheres instintivamente – ou conscientemente - lutam para ter sua liberdade sexual e consciência corporal.

¹ Mestranda em Teoria da Literatura pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).
Contato: agnes.acs@hotmail.com

A fim de inserir tal debate, de como gerações diferentes de uma mesma família lidam com seus corpos e os corpos de outrem, resolvi pôr em diálogo alguns estudos referentes às questões ligadas à temática supracitada e o romance *O corpo em que nasci*, da autora mexicana Guadalupe Nettel. Esse romance de Nettel é oriundo de um conto homônimo, que é tido como uma “autobiografia precoce”, mas não irei adentrar nos méritos do conto, pois o que interessa para esse diálogo são personagens - as três gerações de mulheres de sua família - e as situações que a autora tampouco faz referência no conto.

O romance, como já adiantei, trata-se de uma escrita autodiegética, uma narrativa de si, tida pelos críticos como precoce, visto que Guadalupe Nettel é uma autora jovem, nascida em 1976. O que nos interessa, aqui, além de sabermos que o romance foi escrito por uma mulher e que, ao que tudo indica, conta sua própria história, é como a autora coloca as personagens femininas de modo a gerar discussões substanciais enquanto os personagens masculinos, no máximo, geram uma discussão comparativa entre o universo masculino e o feminino, e nada mais além disso.

Não só nesse romance, mas em outras obras da autora mexicana, a temática da inadequação e do incômodo de como certas questões se desenrolam em diversos âmbitos da sociedade é perceptível, e n’*O corpo em que nasci* esse sentimento de inadequação engloba não só a sua relação com uma pequena deficiência no olho como a atenção, desde a infância, aos privilégios dados tanto pela sociedade quanto pela sua família ao seu irmão, pelo simples fato de ser homem. Outras questões que aprofundarão a mudança do discurso quanto à liberdade sexual dentro de uma mesma família, em principal, nos pares relacionais mãe-filha e avó-neta.

Na perspectiva de uma adulta falando de si quando criança, sabemos que nenhuma memória é integralmente lembrada; tratando de ficção, mesmo sendo um romance autodiegético, um aspecto muito importante para a discussão aqui posta é a consciência do “papel da mulher” na figura de uma avó, de uma filha e de uma neta, e em todas elas perpassam sua relação com o corpo e a sociedade, seja por vestimentas, seja por uma busca por liberdade sexual, seja pelo incômodo de outras pessoas tolherem um corpo que não é delas.

Por fim, é necessário corroborar a importância dos diálogos que aqui foram propostos pois, infelizmente, estamos longe de extinguirmos tais debates sobre o corpo da mulher, seja ela brasileira, mexicana ou francesa. A sugestão do livro como objeto em diálogo

também serve para sairmos de uma ótica bairrista ou algo similar, visto que a voz que impera é de uma mulher mexicana, que sempre conviveu com uma deficiência no olho diante de uma lógica homogeneizadora da sociedade – não abstando sua família.

2. A descoberta do corpo

Há frases feitas que, muitas vezes, tomamos como brincadeira ou interiorizamos em modo automático até passarmos a refletir a dimensão que ela toma, como por exemplo “você não tem idade pra isso”, “na minha idade eu nem sabia que isso existia”, “você não tem idade pra isso, vai brincar” e o maior de todos os clichês “isso é coisa de adulto”. Todas essas frases que ouvimos desde sempre, principalmente quando somos crianças ou (pré) adolescentes, reitera a forma como a sociedade preza pela lógica de “organizar” discussões, debates e dúvidas de acordo com as idades que é, como é sabido, nada mais nada menos que uma convenção social.

A partir do momento em que paramos e refletimos até onde essas frases excludentes e sem diálogo alcançam, é possível refletir o apagamento da descoberta do próprio corpo nessas fases que marcam o desenvolvimento não só físico como psicológico e social da criança ou adolescente. No tocante a isso, Alda Britto Motta aponta essa limitação por idade como:

É interessante, por isso, lembrar que a idade é apenas uma medida de vida – de vivência e experiência no tempo –, categoria não natural, construída e usada socialmente como se, de certo modo, o fosse. Afinal, ela não se imprime na aparência do corpo...? Medida de etapas do tempo de vida, individual e com projeção grupal, que serve como expectativa e como prescritora ou reguladora social de deveres, direitos e capacidades de cada indivíduo ou grupo etário (2013, p. 2).

A idade como “prescritora ou reguladora social, direitos e capacidade de cada indivíduo”, como aponta Britto Motta, é uma das primeira barreiras, principalmente no desenvolvimento de uma menina, no (re)conhecer o próprio corpo. Há uma série de tabus que se instauram no período próximo a pré-adolescência que reiteram e colaboram para o apagamento do corpo feminino: é como se o corpo dessa menina em desenvolvimento não existisse até ela chegar a uma idade em que alguém dará permissão para que ela tenha um corpo e, ainda assim, ela terá de conquistar o direito do corpo ser, de fato, dela. Em outras palavras, ela terá “idade para isso”.

As idades, segundo os preceitos sociais que foram instaurados – principalmente a infância, que é algo relativamente recente segundo Ariés (1981) - definem o comportamento das pessoas, bem como atravessam-no, pois como diz Ramos:

Mais do que termos uma idade, nós pertencemos a ela. Isto significa que somos representados e interpelados a ter certos tipos de comportamentos, sentimentos, modos de ser e estar que nos situam e nos definem socialmente como pertencentes ou não a um determinado grupo de idade (2013, p. 1).

Referir-se à idade é lidar diretamente com expectativas de todo um comportamento da tal faixa etária para com aquele corpo, sendo aquele corpo de uma menina, as expectativas, regras e deveres dobram, por assim dizer. Tem-se, na maioria das vezes, a obrigatoriedade de comportar-se como “uma mocinha”, Ramos completa: “O que o sujeito consegue ou não fazer é cobrado socialmente de acordo com sua idade. ”, e, por muitas vezes, o que o sujeito, sendo ele identitariamente menina, “pode” fazer também.

Em uma passagem do romance de Guadalupe Nettel – *O corpo em que nasci* -, podemos identificar um desses momentos de descoberta do corpo de forma natural, mediada por uma brincadeira corriqueira:

Uma das minhas brincadeiras favoritas consistia em subir aos pulos, de dois em dois, os degraus de barro e descer deslizando no corrimão de ferro. Era algo praticado muitas vezes mas de maneira bastante inócua. Entretanto, nessa tarde, por uma razão que não saberei explicar, a sensação se revelou surpreendente agradável. Era como uma cócega, bem em cima do meio das pernas, que exigia repeti-lo uma e outra vez, cada vez mais rápido (...) A última coisa que me ocorreu neste momento foi relacioná-lo com os longos e tediosos discursos de meus pais sobre a função do sexo (NETTEL, 2013, p. 35).

Há, na fala da menina, uma surpresa dupla, a da descoberta de uma ferramenta de seu corpo que lhe era desconhecida, bem como a tendência de alguns adultos, no caso sua mãe, de achar que havia um movimento proposital no ato da descoberta do que era a masturbação. Mais uma vez, frisando a tendência de pessoas da fase adulta tolhendo movimentos naturais do corpo da uma criança na fase de transição – da infância para adolescência – “demonizando” a descoberta – paulatina - do próprio corpo por não estar na hora certa ou algo parecido.

É interessante frisar, de acordo com o excerto supracitado, a atitude da mãe perante o desenvolvimento da filha que passa de “baratinha” – apelido tendencioso dado por ela mesma à filha - a uma criança desregrada que de alguma forma está explorando seu corpo de forma precoce e pública. Porém como já foi dito, sem o entendimento do que estava acontecendo com o seu próprio corpo, ou seja, sem intencionalidade de sua parte. Da parte dos pais, sempre houve uma falsa liberdade sexual, visto que na primeira parte do livro, quanto ainda eram casados, estabeleceram relações com outras pessoas em comum acordo – que chegaram a frequentar a casa da família.

Como coloca Ramos, a posição da mãe perante a condição apresentada pela filha é de pôr em evidência a criança como um sujeito problemático “de modo que a identidade adulta não seja vista como “uma” identidade, mas como “a” identidade: posição central, legítima e não problemática” (2013, p.4). Em resumo, há um apagamento da criança com o sujeito.

Motta Britto em seu artigo intitulado “As idades da mulher”, refere-se a uma determinada fase do desenvolvimento da mulher, a qual estamos focando nessa discussão, como transitoriedade, pois engloba tanto a saída da primeira infância quanto a possibilidade de chamar uma menina entrando na adolescência de “jovem”. E quanto a isso, há de reconhecer a falta de tato da mãe para com a filha como resquício de um discurso que coloca crianças, principalmente meninas, como sujeito sem autonomia e menor, herdado de gerações anteriores. Pode-se entender não só a transitoriedade da filha, mas também a transitoriedade da mãe tentando lidar com as mudanças, tanto da parte da filha quanto da sua, discursivas, ideológicas e físicas.

3. Essa roupa não é sua

O tópico anterior, como pode ser percebido, diz respeito à relação direta entre mãe e filha, bem como a descoberta do corpo desta última intermediada pela primeira. Salientamos as dificuldades de lidar com o corpo feminino que, por mais evoluções que tivemos e partindo do princípio que a localização temporal do romance, inicia-se no final da década de 1970, há bastante conflitos entre gerações, porém bem menores do que a que será abordada nesse segundo tópico. A relação que será explanada aqui tem uma distância temporal maior – avô e neta - e com o bônus da ruptura do cotidiano na relação entre mãe e filha.

Como já foi posto anteriormente, o romance da autora mexicana Guadalupe Nettel coloca em evidência o relacionamento de mulheres de uma mesma família, pode-se dizer que os homens ou são apenas citados como parentescos ou não raro ela os priva de nomes próprios, como “pai”, “tio” ou “marido da tia x”. O fato das mulheres terem papéis bem mais desenvolvidos dentro do romance autobiográfico foi um dos maiores contribuintes para a escolha da obra como objeto de análise, visto que o que estamos pondo em questão são as relações entre gerações de uma mesma família, mais especificamente entre dois pares: mãe-filha e avô-filha.

Feita essa pequena introdução, o que será posto em foco nesse tópico diz respeito à performatividade compulsória que a avó estabelece no comportamento social da neta

quando a mãe desta última viaja para estudar em Paris. E quanto a essa viagem – como já dito - a ruptura da relação diária entre mãe e filha, é interessante pensar que essa mãe – inserida em uma geração, ao menos temporal, de um pensamento da primeira leva feminista – que, em tese, exteriorizava sua liberdade sexual e econômica dentro do *lôcus* familiar – corrobora com o que Britto Motta fala, pois a sua dinâmica, quanto mulher que tenta se desvencilhar heranças de discursos cerceado completamente pelo patriarcado, tende a engendrar...

Lutas pessoais vencidas, liberdade alcançada, essa mulher madura tem, entretanto, que relativizar suas conquistas quando, a todo momento, vive dilemas trazidos pela sua centralidade geracional, dividida entre os seus projetos pessoais de vida, profissionais e afetivo/sexuais e a dedicação à família (2013, p. 15).

A narração feita pela protagonista dá-nos a entender que essa ida a Paris é uma fuga por não saber lidar com os acontecimentos recentes da sua vida, a separação, a falência e a prisão do ex marido, mas é importante salientar que essa narração, como a maioria das narrativas autodiegéticas passam por uma espécie de ocultação de alguns fatos e, conseqüentemente, tendem a explorar o lado de quem tem interesse em contar a história.

Nesse caso, essa parte da narrativa é bombardeada por declarações magoadas de uma filha que não aceita ficar com a avó, ou seja, o problema não é a viagem da mãe, a distância ou um possível sentimento de abandono, o desconforto maior causado por essa viagem é a obrigatoriedade estabelecer relações com uma mulher que “parece que vive em outro século”. E querendo ou não, os discursos dessa avó – em primeira instância - denotam essa visão. O afastamento geracional é nítido, bem como posições sociais, ideológicas e, principalmente, no que diz respeito à (des)igualdade de direitos e deveres entre meninos e meninas.

As técnicas de repressão da minha avó não tinham nada a ver com as que eu havia conhecido até então. Os castigos a que meus pais me acostumaram eram claros e sem rodeios: nos trancar no quarto por uma hora “para que pensássemos no que tinham feito” e, quando a coisa era demasiada grave ou exasperante, uma sessão de “palmadas bem-postas”, frase que costumavam usar para justificar o emprego da violência física ou um safanão humilhante. A avó entretanto usava métodos de tortura muito mais sutis e desconcertantes. Entre eles a chamada “lei do gelo”, que consiste em fingir que a pessoa que nos cometeu a ofensa não existe e, por tanto, não é possível escutá-la ou dirigir-lhe a palavra. Depois daquele jogo de futebol, minha avó banhou meu irmão amorosamente. Também lhe preparou o jantar, levou-lhe na cama e ficou junto dele até que dormisse. Da minha parte, tive que ir ao meu quarto com estômago vazio, porque esta noite não havia comida para os seres transparentes (NETTEL, 2013, p. 63-64).

Considero, pessoalmente, o excerto acima como a síntese do contato inicial de uma convivência atribulada entre vó e neta em diversos aspectos. O primeiro, que se pode

destacar, é o estranhamento nos “castigos”, bem como os motivos dos mesmos, diferente dos que a menina estava acostumava a receber quando se portava mal. De acordo com a educação dos pais, havia uma conscientização do que havia feito, e o porquê de tal repressão ou o imediatismo da violência física. Com a avó, o método era outro: não havia qualquer possibilidade de diálogo, nem mesmo por contato visual; era como se não houvesse ninguém ali, só o garoto, o seu irmão, que é o segundo ponto que deve ser tocado.

Ao contrário do que fazia com a menina quando ele não obedecia seus “toques de recolher”, ou quando chegarem casa com a roupa suja de lama (isso pouco importava), seus atos “se baseavam em uma suposta inferioridade das mulheres em relação sai homens. Segundo sua visão das coisas, a obrigação principal de uma menina – antes mesmo de assistir às aulas - era ajudar na limpeza do lugar” (idem, p. 61). E ela segue narrando o declarado preconceito de gênero que sua vó reproduzia dentro de casa: “Foi assim que eu, que gostava de jeans e de calças esportivas [...] tive de regressar várias décadas atrás no sistema da moda e incorporar aos meus trajés cotidianos vestidos de bordado e sapatos de verniz”.

A atitude da avó para com a neta, bem como suas exigências comportamentais diz respeito ao que Judith Butler (2006) chama de “performativo”: o cerceamento de um modo de agir, principalmente nas mulheres a agirem como mulheres femininas e não como meninos, não é natural, ou melhor, não pode ser considerado “inato”. O que ocorre nessas performances, muitas vezes, é o desenvolvimento de indivíduos tolhidos de agir como geralmente são. Aqui, o foco diz respeito à discrepância de exigências para com uma menina e para com um menino: o menino é solto, livre, pode se sujar de lama, pode usar roupas largas e confortáveis, enquanto a menina é orientada a comportar-se “como menina”.

A problemática em denominar um comportamento específico como comportamento “de menina” não atinge só esses níveis no que diz respeito a vestuário, roupas antiquadas ou algo parecido. Denominar comportamentos fixos “de menino” e “de menina” é criar uma bola de neve de restrições no desenvolver de um corpo socialmente. Para ser mais exata, desemboca em questões de orientação sexual – no tocante a meninos afeminados e meninas masculinizadas – e a questões de gênero, no que diz respeito a pessoas que não se consideram do gênero que biologicamente e comportamentalmente a sociedade espera que elas sejam, visto que há uma constante insistência em uma heterossexualidade

compulsória, sendo esta exigida inclusive em comportamentos sociais e modos de se vestir:

Desde a mais tenra infância meninos e meninas vão sendo diferenciados pelo artifício das roupas e sendo ensinados sobre a forma adequada como cada sexo deve se vestir. As meninas são vestidas com roupas em tons rosa ou amarelo, com estampas florais ou de animais domésticos, podendo ter enfeites colocados na cabeça (laços) ou nas orelhas (brincos). Já os meninos são vestidos de azul, com estampas de bolas de futebol ou de animais selvagens, como leões ou tigres. Enfeites são impensáveis (DUTRA, 2002, p. 362).

Em outras palavras, é o ato performativo que (pré)determina significados que pertencem ou ao lado masculino ou ao lado feminino: não há meio termo. É necessário dar atenção às questões ligadas a roupa como um sinalizador de comportamento esperado pelas pessoas, bem como a idade e faixa etária que já foram comentadas anteriormente, pois a roupa serve como uma lista de deveres e obrigações que a criança ou adolescente deve cumprir, sem falar nas expectativas terceiras que estas devem suprir.

Nos estudos do francês Phillippe Ariés, no tocante ao desenvolvimento de crianças nas famílias, ele expõe a obrigatoriedade, após os primeiros meses, de distinguir meninos de meninas através de suas vestimentas. Há também o interessante apontamento em perceber que desde sempre a figura da menina é atrelada ao adulto, à maturidade, a seriedade e recato, ao contrário dos meninos, como se pode ver nesse excerto: “É curioso notar... que a preocupação em distinguir a criança se tenha limitado principalmente aos meninos [...] como se a infância separasse menos as meninas dos adultos do que os meninos” (ARIÉS, 1978, p. 78).

As expectativas da vó para com a neta diziam respeito justamente ao que Airés coloca: havia uma exigência de um comportamento adulto advindo de uma pré-adolescente, só pelo fato de ser menina. Há uma hierarquização nos comportamentos que, claro, é comandado pelo patriarcado e reproduzido através das gerações. O que se destaca dessa relação de avó e neta não é apenas a insatisfação da neta para com o tratamento que recebe ou as regalias e carinhos que seu irmão recebe. O intuito em destacar os porquês dessa diferença de tratamento é mostrar o distanciamento no modo de se colocar socialmente como mulher, de ser uma pessoa dona de um corpo em desenvolvimento e com capacidade de fazer suas escolhas em se mostrar para o mundo, seja na escolha de suas roupas ou em divertir-se praticando um esporte sem se importa se é denominado como masculino.

O último ponto a ser posto aqui diz respeito a um episódio pontual da infância da narradora: o momento em que a menina surpreende-se ao ver sua vó apoiando seu desejo de permanecer no time de futebol, que passara a ser só de meninos. “A solução que minha vó propôs foi escrever uma carta de reclamação solene ao diretor do nosso clube esportivo. – Já vai ver como logo a aceitam” (NETTEL, 2013, p. 92). Apesar da carta ter sido ignorada a senhora foi até ao clube conversar com o diretor do time na insistência de que a menina ocupasse suas horas em um lugar seguro:

Como era de esperar, os argumentos da carta que minha avó escreveu a essas insígnias pessoas, como minha tutora, não recorriam à igualdade de gênero nem ao direito das meninas de jogar o que quiserem. Ao contrário, falava das dificuldades que representa para uma anciã ocupar-se sozinha de duas crianças com excesso de energia e do calvário que estava enfrentando. Dizia também que ela não podia se ocupar de mim durante o dia e que preferia mil vezes pagar para sabar que sua neta se encontrava em uma instituição segura, dedicada ao esporte, e não na rua, jogando com desconhecidos (idem).

Apesar da visão extremista da narradora, no tocante ao ato de sua avó, enxergo tal atitude mais como uma espécie de processo de lidar com os gostos da neta, do que como a vontade de livrar-se dela durante boa parte do dia. Sustento essa tese, pois ao passo que a autora vai contando o que ocorreu nesse apoio de sua vó para consigo, ela frisa a primeira vez em que a avó demonstrou carinho fisicamente. Quando o diretor aceita que ela faça um teste para jogar no time juntamente com seu irmão, ela nos conta: “a avó não me tirava os olhos de cima. Tinha na cara uma expressão severa e era impossível decifrar seus pensamentos. Quando o diretor se foi, me deu um beijo em cada bochecha” (NETTEL, 2013, p. 93).

Da mesma forma que a mãe, à sua maneira, a avó tenta romper com algumas posturas que, provavelmente, senão tivesse convivido com a menina não haveria chegado nem próxima de tentar. É justo reconhecer a tentativa, pois apesar de nunca ter se declarado, ao menos na narrativa que nos é posta, a favor da igualdade de gêneros, seu ato foi extremamente generoso e sincero, e que se deslocássemos temporalmente diríamos que essa senhora teve sororidade pela sua neta.

4. Considerações finais

As discussões desses dois tópicos levantados estão longes de serem finalizadas, bem como o corpo da mulher deixará de um dia para o outro de ser alvo de intromissão e demonização, mas friso a importância do debate constante, de observar como essas pautas se desenvolvem dentro da literatura, seja ela ocidental, oriental ou europeia.

Como vimos, o corpo da mulher é cerceado desde sempre por discursos patriarcais, bem como a situação permanentemente hierarquizada pelos mesmos e corroborada por uma insistência em diminuir a mulher seja pela idade, seja pelo seu comportamento sexual, seja por sua orientação sexual ou cor, quando não por todos esses aspectos, considerados, menores em comparação ao homem, principalmente se esse for branco, cis e com uma condição econômica razoavelmente boa.

É também válido citar, mais uma vez, como esses discursos se engendraram e ainda se engendram no cotidiano de mulheres de diversas gerações, sejam elas avós, mães, filhas ou mulheres que optaram por não constituir família, mas que de alguma forma reproduz alguns desses discursos e atos rançosos. A ideia de inserir o romance de Guadalupe Nettel como forma de diálogo com teorias e estudos da área que dizem respeito a idade, infância, mulher e questões geracionais foi justamente para ver como se dá a dinâmica de lidar com o outro em pares importantes para o desenvolvimento do sujeito, nesse caso, de uma menina.

As relações mãe-filha e avó-neta põe em evidência o cotidiano de uma mulher/menina com suas gerações anteriores e com o tempo presente, salientando a troca de experiência entre esses pares, bem como os conflitos e apoios dados de forma não tão clara, mas acima de tudo, na tentativa de convivência com o que é diferente e igual ao mesmo tempo, o desenvolvimento do sujeito mulher.

5. Referências bibliográficas

ARIÈS, Philippe. *História Social da criança e da família*. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

_____. As idades da vida. In: _____. *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

BRITTO DA MOTTA, A. *As idades da mulher*. Revista Feminismos. Salvador, vol.1, n.3 Set. - Dez. 2013.

Butler, J. *Problemas de gênero*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

DUTRA, J. L. “Onde você comprou esta roupa tem para homem?”: a construção de masculinidades nos mercados alternativos de moda. In: GOLDENBERG, M. (Org.). *Nu e vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca*. Rio de Janeiro: Record, 2002.

NETTEL, G. *O corpo em que nasci*. Rio de Janeiro: Rocco, 2013;

RAMOS, A.C. *A construção social da infância: idade, gênero e identidades infantis.*

Revista Feminismos. Salvador, vol.1, n.3 Set. - Dez. 2013.

RICH, A. *Heterossexualidade compulsória e existência lésbica.* DO VALE, C. G. (Trad.)

Bagoas. Natal, n. 05, 2010, p. 17-44.